

Escritos à Margem, de Paulo Roberto Tonani do Patrocínio

Maurício Silva

Universidade Nove de Julho (São Paulo), maurisil@gmail.com

Resenha do livro:

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à Margem*. A presença de autores de periferia na cena literária brasileira. Rio de Janeiro: 7Letras : Faperj, 2013.

Recebido em 26 de janeiro de 2015

Aceito em 27 de agosto de 2015

Cada vez mais, com a intensificação das relações (e das tensões!) centro-periferia, com a ruptura de modelos hegemônicos de cultura, com o reconhecimento de matrizes estéticas nascidas e desenvolvidas fora dos centros culturais dominantes, enfim, com o crescimento/amadurecimento de um circuito estético-social autônomo e mais identificado com as diferenças, com as ausências e com as vozes silenciadas, a literatura produzida à margem dos grandes centros urbanos - a que podemos chamar de *literatura marginal* - tem ganhado visibilidade e importância no cenário cultural brasileiro. Isso é o que comprova o estudo de Paulo Roberto Patrocínio nos *Escritos à Margem*. *A presença de autores de periferia na cena literária brasileira*.

O livro analisa os autores marginalizados, definidos como "sujeitos periféricos que romperam a silenciosa posição de objeto para entrarem na cena literária utilizando a literatura enquanto veículo de um discurso político formado no desejo de autoafirmação" (p. 12). Sem serem um dado isolado, tais autores, completa Patrocínio, conformam um grupo específico que busca se fixar num espaço hegemônico da produção literária:

para tanto, cobram para si a égide de marginal enquanto forma identitária, compondo um grupo heterogêneo no tocante ao exercício literário e homogêneo quanto a sua origem social. São agora os próprios marginais que buscam representar o cotidiano de territórios periféricos, resultando em uma escrita fortemente marcada por um teor testemunhal (p. 12).

Desse modo, pode-se compreender esse grupo e suas ações como uma espécie de movimento literário, mesmo que se inspirem em métodos de organizações sociocomunitárias.

Segundo o autor, o livro *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, pode ser tomado como uma espécie de marco inaugural dessa tendência, na medida em que se manifesta como um discurso em que o local de enunciação é o mesmo do objeto. Ele cria, assim, "um espaço de conjugação entre sujeito e objeto" (p. 13). Esse caminho será percorrido por nomes como Allan da Rosa, Ferréz, Sérgio Vaz, Sacolinha, Alessandro Buzo, Rodrigo Ciríaco e outros. Tais autores não buscam apenas ocupar um espaço literário, mas utilizar a literatura como um discurso que almeja representatividade para um grupo silenciado, sendo os escritores "marginais" os únicos habilitados - no entendimento deles próprios - a produzirem uma literatura periférica. Contudo, para melhor entender esse movimento, afirma Patrocínio, é preciso lançar mão de um modo de leitura que não se baseie unicamente no texto literário e nos valores estéticos das obras, mas inseri-los num contexto mais abrangente, o que será fornecido - no livro - pelos Estudos Culturais.

Segundo o autor, um dos elementos mais importantes para a identificação desse movimento que reúne escritores da periferia (aqui chamado de Literatura Marginal) é a *territorialidade do texto*, seja na medida em que a periferia torna-se o cenário das narrativas, seja na medida em que seus autores são moradores da periferia. Isso faz com que o termo *marginal*, utilizado nesse contexto, se origine de um princípio socioeconômico e geográfico. Numa perspectiva mais crítica (baseando-se, inclusive, no autor francês Robert Ponge), o termo passa a designar não apenas aquela literatura que se encontra à *margem* do ponto de vista geográfico, mas também aquela que se propõe a intervir num modelo de produção literária praticado pelo sujeito burguês. Esse perfil é complementado pela ideia - baseando-se, agora, em Sérgio Gonzaga - de que se trata de uma literatura que assume uma postura marginal em relação à política (basta lembrar que uma geração de escritores marginais surge no contexto da ditadura militar brasileira), à linguagem (forma) e à escolha dos objetos (conteúdo). No caso dos escritores contemporâneos, o termo assume, principalmente, um viés identitário, relacionando-se diretamente a um fenômeno social urbano.

Denominado, muitas vezes, Literatura Periférica, o movimento da Literatura Marginal compreende, portanto, aqueles autores que estão fora do espaço hegemônico (centro), adquirindo assim um sentido também político. Nesse sentido, trata-se de uma produção do sujeito oriundo da margem, que se utiliza de um discurso de resistência (contra-hegemônico) a uma norma (estética ou ética) estabelecida. Desse modo, instauram uma espécie de cisão na produção literária nacional, construindo um discurso a partir das *diferenças*. Trata-se de um discurso que, ao se colocar como antagônico ao centro, rompe com a conciliação e com a linearidade totalizadora e unificadora da nação, propondo, assim, um novo modelo de apreensão da produção literária brasileira. Desse modo, tais autores não utilizam como referência primordial de sua produção o elemento estético, que é colocado em segundo plano, em benefício da ética.

Nesse contexto, a literatura passa a ser utilizada como "ferramenta para o estabelecimento de uma compreensão de estruturas sociais desiguais e para denunciar as situações de vulnerabilidade sofridas pelos residentes em favelas e bairros de periferia" (p. 49). Assim, ocupando um espaço entre o testemunho e a criação artística, a Literatura Marginal necessita ser analisada por essa dupla dimensão - a político-social e a artístico-literária -, ressaltando-se que esta última tem sido preterida pela crítica contemporânea em benefício da primeira. Isso pode levar a uma leitura que desvaloriza os autores como sujeitos da enunciação, fazendo-se necessário, portanto, "uma chave de leitura que possibilite uma análise conjugada: ler no texto literário a presença do sentido político e social do movimento" (p. 51). Para tanto, Patrocínio propõe utilizar, na análise dos textos da Literatura Marginal, o conceito deleuziano de *literatura menor* (uma estrutura política própria dentro de um grupo maior, utilizando uma estratégia de resistência), que pressupõe ao menos três procedimentos: a utilização e alteração de uma língua maior por uma minoria; a aquisição de uma potencialidade política pelo enunciado empregado; e o valor coletivo da literatura produzida. Desse modo, afirma o autor, o produto resultante do movimento realizado pela Literatura Marginal passa a fazer parte de um complexo empreendimento político e cultural proveniente das periferias das grandes cidades brasileiras.

Buscando resgatar o que chama de *cânone marginal* da literatura brasileira, Patrocínio destaca a produção de três escritores, cujos personagens viveram em espaços subalternizados da cidade, embora suas produções - diferentemente daquela veiculada pela atual Literatura Marginal - não apresentem nem um fundamento pedagógico-didático, nem um agenciamento político: Orestes Barbosa, que percorre "com leveza e agilidade os contornos soturnos da cidade criminosa" (p. 74), embora não pertença, em essência, a esse mundo; Antônio Fraga, que narra, em sua novela *Desabrigo*, "o cotidiano dos malandros e prostitutas do Mangue sob o olhar de quem lá vive" (p. 84); e João Antônio, que defende a ideia - apropriada aos autores da Literatura Marginal - de que quem melhor representa a periferia é o periférico, apresentando personagens em absoluto confronto com as normas sociais.

Tratando, na sequência, da produção da Literatura Marginal recentemente, o autor discute sua relação com o *Hip-hop* e com seu projeto pedagógico, que não dispensa a proposição de identidades alternativas e sentimentos de autoafirmação entre os jovens das periferias das grandes cidades. Contudo, o traço que possibilita considerar o *Hip-hop* como um movimento é "o sentido de protesto, de criação de uma fala contrária ao estabelecido, rasurando discursos hegemônicos e produzindo um interstício entre centro e periferia" (p. 107). Esse discurso contra-hegemônico - que, não obstante, sofre também uma espécie de esgotamento, sobretudo em razão de sua superexposição midiática - é analisado pelo autor, principalmente, por meio da análise das letras de *rap* do grupo musical *Racionais MC's*, cuja produção tem como um dos propósitos conscientizar a comunidade periférica de sua condição, atuando, assim, como um *ato político*. Além disso, ressalta o autor, é visível a presença do *rap* na Literatura Marginal:

seja por meio de uma estrutura maniqueísta rígida ou como um discurso claramente ancorado na poética formadora do *rap*, os autores marginais utilizam a literatura como um veículo de intervenção social a partir do texto. Seja na poesia ou na prosa, o texto literário é o invólucro de um discurso político determinado em construir uma reflexão que fornecerá os elementos necessários ao leitor para a observação crítica de uma realidade específica. (p. 130)

Desse modo, os autores da Literatura Marginal utilizam não apenas o aparato crítico do *rap*, mas também seu discurso de contestação, denunciando a desigualdade social, além de - do ponto de vista estético - desestabilizarem os limites entre literatura e música.

Por fim, Patrocínio procura mostrar como se dá, na prática, a realização das dimensões do engajamento literário e do engajamento social na produção da Literatura Marginal, analisando a literatura de três autores periféricos - Ferréz, Allan Santos da Rosa e Sérgio Vaz - e de um autor que se situa nos espaço fronteiro entre a periferia e o centro - Marcelino Freire.

Mobilizando conceitos e categorias diversas, acionando uma *outra* maneira de ler a literatura produzida não apenas nas margens das grandes cidades urbanas, mas também às margens da historiografia literária brasileira, esses *Escritos à Margem* oferecem ao leitor um perfil competente e sensível da Literatura Marginal Contemporânea, servindo de roteiro seguro e indispensável àqueles que buscam compreender melhor a atual cena literária brasileira.